

Os Usos da Etnicidade: discursos políticos de lideranças

indígenas do Médio Xingu no contexto da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Bolsista: Gabriela Aguillar Leite

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Rosemary Lea

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, UNICAMP

Bolsa: PIBIC/CNPQ

Palavras-chave: Etnicidade-Usina Hidroelétrica de Belo Monte-Discursos políticos.



Introdução

Este projeto se propõe a compreender como a “etnicidade” foi e segue sendo mobilizada dentro dos discursos das lideranças políticas indígenas do Médio Xingu na luta contra a construção da Usina Hidroelétrica de Belo Monte (UHBM). Tenho por objetivo desmistificar a ideia de que a apropriação da categoria de identidade étnica por parte destas lideranças indígenas é um indicativo de perda cultural. Antes, pretendo compreendê-la a partir de seu contexto de discurso, em que o significado dos termos que o compõe, depende do modo como os sujeitos estão representando e compreendendo sua realidade. Para quem estão falando? Com que intencionalidade? É deste modo que me voltei para a análise do cenário dos embates políticos entre as lideranças indígenas médio-xinguanas e o Estado Nacional/ sociedade civil, e pude percebê-los também enquanto espaços próprios de produção cultural, ou seja, lugares singulares em que não só se constrói um movimento de luta política, ou uma tentativa de representar o outro, mas também a si mesmo (autorrepresentação).

Discussão

A análise dos discursos das lideranças indígenas foi dividida em temas selecionados por mim e, apesar de não compreender todos os momentos da organização do movimento indígena contra a construção da UHBM, o recorte respeita cronologicamente os grandes eventos de mobilização das lideranças do Médio Xingu a partir de 2010. Durante minha análise, busquei me atentar para o tipo de discurso que estava sendo construído e, nesta medida, como a autorrepresentação indígena aparece em cada um deles. Os temas desenvolvidos neste projeto foram: **a.** as oitivas indígenas não realizadas e os estudos de impacto ambiental incompletos, pontos que aparecem com mais força antes do início da construção da Usina Hidrelétrica, principalmente durante o processo de concessão do licenciamento e montagem das estruturas para início das obras. Essas questões têm como interlocutor principal o Estado Nacional. **b.** as condicionantes suscitadas pelo Programa Básico Ambiental (PBA) não cumpridas, que compõem as reivindicações a partir do início das obras de construção da UHBM, em 21/06/2011. Tais discursos estão voltados principalmente à empresa Norte Energia. **c.** a luta contra novas hidroelétricas e a união com o povo indígena Munduruku do rio Tapajós. Esse tema compõe o momento político atual, em que uma nova ocupação do canteiro de obras e o questionamento sobre as oitivas indígenas voltam como estratégias para organizar a luta. O diálogo com o Estado Brasileiro ganha novamente destaque e não mais prioritariamente a Norte Energia. **d.** o discurso ambientalista e o futuro indígena, que é um tema recorrente ao longo de toda a luta política contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Ele faz parte principalmente do campo de relações índios-sociedade civil e índios-grande mídia, atuando como um apelo para que a opinião pública nacional e internacional se volte contra a consolidação do projeto desta hidroelétrica.

Por ter sido um dos pontos mais emblemáticos que pude observar durante minha pesquisa, decidi detalhar aqui, como uma amostra do que foi o projeto, o debate sobre este último ponto: o discurso ambientalista. A questão da construção da UHBM data desde meados da década de 70, quando os primeiros estudos sobre o potencial elétrico no rio Xingu foram realizados. Nessa época o projeto recebeu o nome de Kararaô. Em fevereiro de 1989, patrocinado especialmente pelos índios Mebengokre (Kayapó) do Alto Xingu, foi organizado o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira . O encontro foi um marco da resistência aos então projetos de desenvolvimento em plano no Brasil. Durante o evento, foram reunidas diversas etnias do país e de fora e algumas lideranças indígenas despontaram como “porta-vozes da Amazônia”, a exemplo do cacique Raoni. Nessa época de grande visibilidade da resistência indígena na mídia, tanto brasileira, como internacional, o discurso nativo estava relacionado à ameaça que a construção de uma barragem no rio representava para a continuidade do modo de vida tradicional desses povos.

Conclusões

Concluo este projeto com algumas reflexões que busquei aprofundar ao longo desta pesquisa: Talvez a ideia que melhor reproduza a perspectiva com que esse projeto se compromete é mostrar a autorrepresentação indígena enquanto um campo próprio de produção e criatividade cultural. A partir de uma linguagem construída simultaneamente com a realidade que ela expressa, e não a ela exterior, podemos entender quais as estratégias de uso da etnicidade em cada contexto que apresentei acima. O que busco desconstruir é uma visão que se propõe a determinar uma identidade fixa para compreender os atores que estão envolvidos nas lutas políticas. Procuo, ao contrário, partir da ideia de que a cultura está em constante produção e resignificação e, assim, é necessário olhar para a linguagem empregada, os atores envolvidos e o discurso construído, para entender qual a identidade está sendo

Referências bibliográficas

- ALBERT, Bruce. “O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami)”. In: Albert, Bruce; Ramos, Alcida Rita. (org.). Pacificando o Branco. São Paulo: Editora Unesp,2000, pp. 239-270.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com Aspas. São Paulo: Cosacnaify, 2009.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. “‘Nossas Falas Duras’. Discurso Político e autorrepresentação Waiãpi”. In: Albert, Bruce; Ramos, Alcida Rita. (org.). Pacificando o Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2000, pp. 205-237.
- OLIVEIRA, João Pacheco de “Uma Etnologia dos ‘Índios Misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”, Mana, 4:1, 1998, pp. 47-77. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/HZ868-06/JPO-Misturad.pdf>
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. (2002) "O Nativo Relativo". Mana vol.8 no.1 Rio de Janeiro. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Etnologia Brasileira”. IN: O que ler na Ciência Social brasileira. Volume 1 – org. Sérgio Micelli. São Paulo. Editora Sumaré, 1999.
- WAGNER, R.. A Invenção da Cultura. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

Metodologia

Para pensar a metodologia de análise de todos esses materiais, priorizei situar, temporalmente, os documentos indígenas dentro do contexto político com os quais eles dialogavam. Assim, pude melhor organizar a grande quantidade de materiais que possuía e toda a rede de relações sociais que se manifestava a cada fonte analisada. Busquei articular o que foi observado nas cartas com a discussão bibliográfica presente em artigos e livros, principalmente nos quais estão abordados os debates da antropologia contemporânea acerca da autorrepresentação indígena e da caracterização da linguagem empregada nos discursos. Por fim, pude também observar como as falas desses índios foram se modificando ao longo do tempo, em função da pessoa a quem se destinava e do contexto político que se travava.

Assim, durante a análise dos materiais, levantei algumas questões norteadoras para me ajudar metodologicamente. Perguntei a cada um dos documentos estudados: Quem é(são) o(s) interlocutor(es) em jogo, qual o contexto, quem é(são) o(s) autor(es), que tema(s) é(são) abordado(s) e qual é a intencionalidade pretendida dentro das estratégias de luta. Os discursos que foram analisados são recortes que compreendem momentos da luta indígena desde 22 de junho de 2010 – data mais antiga de uma das cartas estudadas, a 11 de junho de 2013 – último documento consultado.

Bruce Albert

Mais de 20 anos depois do Encontro, ainda vemos atual o discurso em que o índio naturalista é evocado. A imagem indígena associada a sujeitos que vivem em harmonia com a natureza revela um trabalho interessante de reflexão e estratégia desses povos que estariam atuando como verdadeiros antropólogos (ALBERT, 2002: 257). Podemos pensar através da ideia de antropologia reversa de Roy Wagner (2010) para entender como esses índios também estão objetivando a “cosmologia do branco” em sua própria rede de significados para construir uma identidade étnica em um espaço de apelo à sociedade civil. Isso pode ser notado se observarmos na imagem dentro dos discursos das lideranças do “índio que cuida e protege a natureza”, a mesma perspectiva cartesiana de natureza – enquanto entidade exterior e como tal passível de ser destruída e preservada- visão que é parte da compreensão ocidental de natureza-objeto.

“Assim, na medida em que seus sistemas de construção simbólica do Outro constituem o quadro e a condição de possibilidade de sua autodefinição, as sociedades indígenas, ao confrontarem os brancos, têm, necessariamente, que passar por um processo de redefinição identitária no qual são reconstruídas as fronteiras tradicionais da alteridade desestabilizadas por esse encontro.” (ALBERT, 2002:13) Com o fortalecimento de ideias como o desenvolvimento sustentável, especialmente nos países do hemisfério norte, como Estados Unidos e o oeste europeu, e que se espalharam rapidamente para o mundo todo, o índio assume seu lugar de “guardião da floresta”, tornando-se aliado de ONGs nacionais, internacionais e movimentos ligados à luta pela preservação ambiental. Um lugar que não é novidade na história das representações ocidentais a respeito da figura dos povos indígenas; estes nativos vêm ocupando essa posição desde o início dos relatos europeus sobre os primeiros contatos. Bruce Albert, a respeito dessa questão entre índios Yanomamis, observa: “O discurso ambientalista, longe de ser uma mera retórica de circunstância, passou a ser o meio de simbolização intercultural adequado à expressão e à validação de uma visão de mundo e de um projeto político Yanomamis na cena nacional e internacional” (ALBERT, 2000: 260). Nas falas destinadas diretamente para o “branco”, os índios traduzem sua própria alteridade na tentativa de mobilizar a sociedade civil em apoio à sua luta.

Waiãpi

Yanomami

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

Mundaucuri

branco, tais representações podem ser observadas dentro da cosmologia deste grupo, seja nos rituais ou nas mais diversas práticas cotidianas. É, no entanto, no discurso político, ou nas ditas “falas para branco” que se abre um espaço privilegiado para compreender como a interpretação que os índios fazem a respeito do outro, de como esse outro os olha, e de como os índios olham a si mesmos, é usada estrategicamente para resistir aos impactos negativos trazidos por esse contato.